

Discurso de posse como Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

EDNILO GOMES DE SOÁREZ*

Um discurso de posse no Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) envolve uma grande responsabilidade, uma vez que o novo recipiendário precisa satisfazer em poucos minutos a expectativa daqueles doutos que lhe outorgaram um mandato vitalício.

Ingressar no respeitável Instituto do Ceará representa para qualquer cultor do Conhecimento um zênite em sua trajetória. Quem escala o Everest não busca riquezas. Um cenobita que vergalha o corpo não quer nada material. Um guerreiro, que de batalha em batalha se defronta com a morte, não tenciona fortuna. Quem faz do conhecimento uma paixão e uma causa para toda a vida não mira o pagamento. O alvo, em todos estes casos, é a glória, reconhecimento e recompensa superior a todos e quaisquer bens materiais.

No meu caso específico, acrescento a inaudita oportunidade de aprender, obtida pela generosidade dos ilustres confrades do sodalício. Agradeço poder freqüentar o mesmo ambiente de cultura, onde, ao longo de cerca de 120 anos, mulheres e homens ilustres têm engrandecido e perenizado a cultura da terra que viu nascer Capistrano de Abreu.

Vive o Instituto do Ceará um momento historicamente importante, em que Manuel Eduardo Pinheiro Campos, seu presidente, seguindo a trilha dos seus antecessores, luta com toda a intrepidez e competência profissional para inserir o Instituto na era digital.

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

No mês de outubro passado, o nosso presidente, orgulhosamente, apresentou, em memorável sessão, o projeto de digitalização e disponibilização do acervo documental do Instituto do Ceará, que, dentre outros importantes trabalhos, exibiu na internet e em *compact disc* todas as 127 revistas do Instituto, com 3.200 artigos; trabalhos dos mais relevantes, ofertando a todos os estudiosos a produção intelectual que marca a *Revista do Instituto* e configura a formação de um pensamento social cearense.

A atual diretoria empenha-se em ampliar ainda mais a ação do Instituto como um centro de pesquisas culturais, em que os devotados à prática científica da história e seus afins poderão aprofundar seus conhecimentos, por intermédio do Museu da Instituição, um arrojado projeto doado pela macrovisão e despreendimento de seu Sócio Benemérito, Ivens Dias Branco, que, por uma questão de justiça, merece também o reconhecimento de todos nós, por seu empreendedorismo, oferecendo milhares de empregos em empresas que já ultrapassaram as fronteiras do Ceará e do Brasil.

Recentemente, por seu pionerismo, estampou seu sinete na história econômica do estado por ser a primeira empresa cearense a ter suas ações negociadas pela Bovespa - Bolsa de Valores de São Paulo. Embora assoberbado por suas múltiplas atividades empresariais, sempre "fabrica" tempo em sua apertada agenda para contribuir e participar de eventos culturais.

No alvorecer de seus primeiros cento e vinte (120) anos de proficiente existência, o Instituto do Ceará constitui um patrimônio importante da nossa própria história. Foi nele que gerações de intelectuais encontraram espaço para o registro dos fatos e para a análise acurada da realidade social, política, econômica e cultural do Estado.

Ressalte-se que, numa sociedade onde a devoção à ciência e às letras foi sempre considerada privilégio e mais ornamento do que saber crítico do mundo, a existência e a persistência do Instituto se configuram como um *locus* de valorização da atividade livre do pensamento.

Portanto, sinto a suprema honra de sentar-me na cadeira que pertenceu a Virgílio Brígido, de 1887 a 1922, ao Padre Rodolfo

Ferreira da Cunha, de 1922 a 1967, ao Dr. Oswaldo de Oliveira Riedel, de 1969 até 1989, quando assumiu com todos os méritos o Dr. José Borges de Sales. Todos são nomes ilustres que mantiveram acesa a legendária chama do Instituto do Ceará. Como reza a tradição dos grandes silogeus, desde Atenas, nos jardins de Academus, espera-se do novo membro do quadro social palavras e considerações sobre aqueles que, por tanto tempo, contribuíram para engrandecer a história cultural e social desta terra única e milagrosa, de uma natureza que se renova pelas quadras invernosas, tão bem aludidas por Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, o qual, não fosse o ranço preconceituoso do autor, seria obra completa.

Em face da existência ímpar do Dr. Borges de Sales, como era tratado por todos aqueles que usufruíram de sua companhia, peço vênia aos presentes para me fixar apenas na inesquecível figura humana do meu último antecessor. Natural da Paraíba, no município de Areia, onde nasceu no dia 10 de fevereiro de 1911. Iniciou seu curso de medicina na faculdade do Recife. Após concluir o 2º. ano transferiu-se para a famosa Escola da Bahia, onde se formou. Em janeiro de 1937, conheceu uma jovem também paraibana, Dirce Bonavides, irmã do nosso confrade, constitucionalista Paulo Bonavides. Namoraram, brincaram juntos um inesquecível carnaval, havendo ele se impressionado bastante com a referida senhorita. Regressou à Bahia, concluiu seu curso e trabalhou em São José dos Patos, Maranhão, em Senador Pompeu, Ceará; reencontrou-se com a senhorita Dirce com a qual convolou núpcias em setembro de 1942. Desse feliz casamento, nasceram Norma, Elizabeth, Humberto e Dulce. O casal conviveu harmoniosamente durante 64 anos.

Depois de casado, radicou-se em Baturité; posteriormente transferiu-se para Sobral e fixou residência em Fortaleza. A maior dificuldade que enfrentei, ao tentar traçar um perfil do Dr. Borges de Sales, foi a multiplicidade e a intensidade de suas atividades, como médico, cientista, professor, pesquisador e historiador.

Professor catedrático de microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, lente da Faculdade de Farmácia na mesma matéria, que assumiu o nome de Método e

Técnicas de Análises Microbiológicas e Imunológicas. Foi médico de saúde pública do Departamento Nacional de Saúde, tendo sido também um dos fundadores do Rotary Club Fortaleza-Oeste e seu presidente de 1957/1958. Sócio fundador da Academia Cearense de Medicina, Presidente dessa Arcádia no biênio 1986 - 1988.

Publicou os seguintes livros:

- Contribuição ao estudo dos métodos bacteriológicos indicados na pesquisa de portadores de *corynebacterium diphtheriae*;
- *Bibliografia Médica do Ceará*;
- *Alagoa Nova*; e
- *Notícias sobre a trajetória de cearenses na Paraíba e paraibanos no Ceará*.

Concluiu 9 cursos de extensão universitária, pertenceu a 12 agremiações científicas, compareceu a 25 congressos científicos, recebeu 14 títulos acadêmicos, entre os quais o de Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará; teve 54 trabalhos publicados em revistas técnicas e culturais, incluindo a revista do Instituto do Ceará, deixando ainda o acervo de 9 trabalhos apresentados e não publicados.

Concluindo essa síntese da vida do Dr. José Borges de Sales, faço minhas as palavras do Dr. Vinícius Barros Leal, ao saudar o Dr. Borges de Sales por ocasião do seu ingresso na casa do Barão de Studart, em 1989: "O prof. Borges de Sales é um apaixonado pelos livros e assim cumpre ele a sentença muito sábia de Sêneca: "Se tens amor aos livros, escaparás ao tédio da vida e não suspirarás pela chegada da noite para afogar os aborrecimentos do dia; tampouco viverás insatisfeito contigo mesmo ou inútil aos outros".

Embora a minha alopecia avantajada, e os poucos fios, que ainda não me abandonaram, estejam quase todos encanecidos, e, portanto, não me permitam mais devaneios juvenis, senti pelo Instituto do Ceará um amor à primeira vista, tão próprio aos sonhadores, onipotentes e adoráveis adolescentes.

Adentrei suas imponentes dependências em 1993, quando regressei do Rio de Janeiro, onde vivi 37 longos anos.

Inicialmente, não ousava pensar em ser efetivo do Instituto, mas, com o tempo, fui me familiarizando, conhecendo lentamente um a um dos consociados, até que, um dia, piscou uma luz amarela, quando recebo, com muita alegria, pelas mãos da primeira-dama do Instituto, Sra. Heldine Cortez Campos, o título de Sócio Benemérito. Fiquei muito sensibilizado com a fidalguia do Presidente, uma vez que Heldine, a quem trato afetuosamente de Nedinha, somos herdeiros da sólida amizade entre nossos inesquecíveis pais, Natanael Cortez e Edilson Brasil Soárez.

Posteriormente, um ou outro consócio me dizia com certo ar de incentivo: “quando você será um dos nossos efetivos?”.

Até que um dia o respeitável ex-presidente da Casa do Barão, como é conhecido o Instituto do Ceará, Gen. Tácito Teófilo Gaspar de Oliveira, me pergunta inesperadamente, para minha surpresa: “Soube que você quer integrar o Instituto. É verdade?”

Modestamente e muito assustado, respondi: “É verdade, general, mas não depende apenas da minha vontade. Preciso ser eleito”.

A partir daí, senti que, para ser fiel a linguagem de minha origem de oficial de marinha, que os ventos sopravam a favor. Fui recebendo acenos encorajadores de alguns confrades e tive a honra de ver meu nome apresentado pelos associados Coronel Paulo Ayrton de Araújo, ex-Secretário de Educação do Estado e uma das vigas-mestras desta instituição, onde exerceu com muita eficiência a Presidência; Dr. Eduardo de Castro Bezerra Neto, ex-vice Presidente deste Silogeu e Superintendente do centro internacional de negócios da Federação das Indústrias do Ceará - FIEC, e meu fraterno amigo; José Augusto Bezerra, companheiro de Rotary Club, onde foi presidente de seu clube e, posteriormente, Governador do distrito 4490, também na Associação Brasileira dos Bibliófilos, da qual é o presidente, sendo também um dos maiores bibliófilos do Brasil.

A minha felicidade maior viria quando comecei, no inesquecível dia 5 de outubro passado, a receber telefonemas de amigos, membros do Instituto, informando-me de que havia sido eleito pela unanimidade dos que votaram. Conseguir 33 votos de um pugilo tão significativo da cultura alencarina representa para mim

um motivo de muita satisfação, no entanto, aumenta significativamente a minha já pesada responsabilidade de sentar-me à cátedra de sócio do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico.

Hoje é um dos dias mais felizes que o Senhor nosso Deus, generosamente, me concedeu, no entanto, todos já vivemos o suficiente, para sabermos que a felicidade nunca é plena. E a minha, inditosamente, não representa exceção. Sinto, hoje, mais do que em qualquer outro momento, o vazio e a ausência dos dois incríveis seres que me deram a vida.

De meu pai, Edilson Brasil Soárez, imagino o orgulho que ele sentiria ao ver, o “seu menino”, como ele carinhosamente se referia a mim, ingressando neste sodalício em que me sentarei, de hoje em diante, ao lado de seus ex-alunos: Manoel Eduardo Pinheiro Campos, Paulo Elpídio de Menezes Neto, Pedro Alberto Oliveira Silva, José Cláudio de Oliveira, Caio Lóssio Botelho, Melquíades Pinto Paiva, Vladir Menezes, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos. Perdoem-me se omiti alguém.

Meu pai nasceu vocacionado para o magistério. Nos idos de 1954, quando a televisão ainda engatinhava no Ceará, ele foi entrevistado. Como ainda era uma grande novidade, ele me levou para assistir à entrevista e conhecer os estúdios. A repórter perguntou-lhe:

- Dr. Edilson, se o senhor não houvesse sido professor, qual a profissão que teria escolhido?” Ele, muito sério, e sem titubear respondeu:

- Teria sido professor, minha jovem.

A outra grande ausência é a de minha mãe, Nila Gomes de Soárez, de quem sinto sempre uma saudade perfumada. Ela, pela primeira vez, não está sentada na primeira fila, como fez, quando assumi a Secretaria de Finanças do Rio de Janeiro, a Academia Fortalezense de Letras e a Academia Cearense de Retórica. Desta vez, não verei o seu sorriso de felicidade, nem receberei o seu beijo carinhoso por ocasião dos cumprimentos.

Lembro-me de uma citação de um saudoso amigo, Odilo Costa Filho, imortal da Academia Brasileira de Letras, que, do alto de sua sábia experiência de vida, sentenciava, como se fora

um escritor da escola realista: “Quando atingimos os patamares superiores da existência, vamos nos tornando, simultaneamente sobreviventes e mutilados, por isso cada vez precisamos de mais próteses”.

Agora, como parte do Instituto serei um discípulo privilegiado neste templo do saber. Um aprendiz de todos aqueles que dedicaram a vida a contar a história de um povo e de uma cultura. Também estarei devotado à tarefa de fazer do conhecimento sedimentado ao longo da minha formação, como nos relatou tão acertadamente Joaquim Nabuco acerca de sua própria vida: “uma fonte para apreciação e cultivo da inteligência que se debruça sobre o mundo em busca dos sentidos e das razões obscuras com as quais vamos tecendo a história”.

É na história que encontramos os homens em ação, vivendo suas tragédias e epopéias individuais e coletivas. Como nos ensinaram os gregos, sobretudo Heródoto de Halicarnasso, eternizado no Ocidente como o “pai da história antiga”, “devemos olhar para o passado à luz da razão inquieta, perscrutando-o e inquirendo-o, na ânsia de encontrarmos indicações sobre o comportamento humano e acerca das configurações originais tecidas pela nossa capacidade intelectual para representarmos o mundo em formas, símbolos e culturas.”

É no palco da história que se trava um espetáculo pela afirmação da vida humana face à natureza, mas também, onde os homens se lançam, agonicamente, em busca da imortalidade, pela realização de obras cujos vestígios não desapareçam perante o tempo.

Por isso, devo narrar minha história, no percurso individual de cultivo do conhecimento e de ação diante das situações mundanas com que fui me defrontando. Na minha formação acadêmica, cursei a Escola Naval, a Faculdade Nacional de Ciências Econômicas, ambas no Rio de Janeiro, onde me graduei em Administração de Empresas.

Foram experiências significativas para a formação de uma consciência cartesiana, pragmática, no desvendamento do sentido e da motivação da ação econômica. Ainda foi neste ambiente que

fui seduzido a pensar na formação de um espírito que deve encarar o mundo como um livro aberto, no qual nossa ação tem implicações e repercussões que nos fogem ao controle.

Gravada na minha retentiva e em meu cotidiano está a concepção de que a disciplina é um bem para a vida do indivíduo e do social. Viver em sociedade é carregar cicatrizes e a disciplina talvez tenha sido a que mais me marcou. Foi na trilha de Michel Foucault que descobri que as instituições modernas são disciplinares em sua essência, o corpo e o espírito imprimem uma forma, um modelo de adestramento do sujeito. A crítica foucaultiana foi fundamental para perceber os limites da disciplina e a sua importância para o projeto de formação de um espírito livre. A disciplina é fundamental para o progresso da ciência, em virtude do vigor e do compromisso com a verdade, *La vérité avant tout*, no entanto, não deve exercer nenhuma influência na liberdade para pensar, sob pena de asfixiarmos a criatividade e a inventividade humanas.

Apesar da crítica do cientista social francês de nomeada, foram a análise weberiana sobre a formação do capitalismo na Alemanha e a importância da burocracia para a estabilização das relações capitalistas que mais me impressionaram. Weber acreditava que havia sido o rígido modelo burocrático e disciplinar do exército prussiano o responsável pelo desenvolvimento vertiginoso da Alemanha, bem como pela incorporação das massas à esfera produtiva da economia. Essa concepção penetrou tão fundo meu espírito que me serve até hoje para compreender fenômenos, às vezes, os mais díspares.

Por um lado, a forma impressionante como nas últimas décadas do século passado o capitalismo racional floresceu no Leste Asiático e, ao mesmo tempo, não consegue obter um desenvolvimento pleno na América Latina e, por outro, as mudanças culturais e sociais que se processam na sociedade contemporânea e os impactos provocados nas organizações escolares formadas a partir dessa matriz burocrática e disciplinar.

Quando do regresso ao estado do Ceará, pude satisfazer a dois desejos que, embora diferentes, se complementavam e me fariam ainda mais apaixonado pela história do meu povo, como

uma forma de entender a minha história e dedicar-me à educação, ao projeto de toda uma vida, que fora de meu pai, de minha mãe e de meus irmãos, Ednilton e Ednilze. Esses dois anelos trouxeram-me de volta a necessidade e o prazer de ter que me envolver, na prática e na teoria, com a formação do homem.

No curso de pós-graduação em Psicologia Educacional, ao mesmo tempo em que fazia justiça ao meu espírito, palmilhando a senda dos conhecimentos humanísticos, reencontrava-me com Max Weber e a disciplina.

A formação do homem parecia uma tarefa prática, cotidiana, mas também um objeto de reflexão ansiosa por encontrar um caminho mais apropriado rumo à formação de um indivíduo livre, justo e feliz e uma sociedade equânime e democrática.

O ideal de formação do homem, "Paidéia", como diriam os gregos, cultura, como definiriam os romanos, ou, como se referem os alemães com a palavra "Bildung", passava a ocupar minhas preocupações. Foi nas páginas do célebre livro de Werner Jaeger, que defrontei o fenômeno da educação na Grécia Antiga e pude perceber que o contexto sociohistórico era inseparável dos ideais educativos existentes ou propostos.

Desse confronto que começava a se estabelecer em relação às ciências humanas e da necessidade de conduzir com sobriedade a atividade educativa de milhares de crianças e jovens, desenvolveria uma certeza: a de que era preciso mergulhar na história do Brasil e do Ceará para conhecer os elementos constituintes da nossa cultura, com a finalidade de relacioná-los aos elementos da sociedade globalizada e dos possíveis ideais educativos do nosso tempo.

O conflito permanente entre o eu e o *alter*, que se fazia a cada novo livro, construía pontes dialógicas para pensar a realidade e ao mesmo tempo organizava as idéias.

A obsessão pelas leituras não era superior à fixação pelo registro do pensamento que se delineava a partir desta dialética da cognição. A cada página que transpunha de *Viagens ao Nordeste do Brasil*, do brasilianista inglês Henry Koster, ficava deslumbrado com sua narrativa e inspirado para penetrar no processo de formação da nossa sociedade.

Foi neste mesmo livro que encontrei, no prefácio de Câmara Cascudo, um belo comentário: “Henry Koster não é um viajante, caçando anedotas e filmando o pitoresco, nem um naturalista, tendo a investigação anteriormente programada. Não há nele missão unilateral de estudar um aspecto ou fixar pormenores. Não subsidia Museu ou Instituto. É uma curiosidade ampla e livre, sem compasso, sem barras, nem limites. É uma criatura humana, vivendo humaníssima e logicamente (...) Independe de qualquer autoridade uma sua conclusão”.

Minha identificação com esta liberdade para pensar, que se constitui num decurso lento e demorado, porém sem apadrinhamentos, arremessava-me ao encontro dos clássicos do pensamento social brasileiro e cearense.

Nada mais inesperado e não menos sedutor do que se defrontar, em *À Margem da História do Ceará*, de Gustavo Barroso, com um texto sobre a “Vida e História da Palavra Sertão”.

Foi este texto que me fez reler *Os Sertões*. Um homem nunca está fora do seu tempo, do seu contexto histórico, nem mesmo um gênio do porte de Mozart, como relata o escritor tedesco Norbert Elias, em *Mozart, a sociologia de um gênio*.

Apesar de obra magnífica e de importância incomensurável, a orientação positivista e a influência das teorias raciais do século XIX, sobretudo as idéias de Ludwig Gumplowicz e do Conde de Gobineau, levaram o autor fluminense a uma caracterização da nossa sociedade pelo conceito de raça. “A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável ‘força motriz da história’ que Gumplowicz, maior do que Hobbes lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes”, sentencia Euclides da Cunha. Gobineau em *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* postulava uma raça nórdica pura, que denominava-se ariana, e atribuiu o declínio das civilizações ao “sangue misto” da miscigenação.

Dessa forma, a matriz do pensamento positivista e evolucionista produzia a crença de que essa afirmação era uma lei da história, portanto, absoluta e universal.

Minha relação muito próxima com a cultura dos EUA, o debate sobre as cotas nas universidades públicas no Brasil e o Estatuto da Igualdade Racial, bem como certo incômodo, discordância talvez, com o uso ideológico do conceito anticientífico de raça, transformaram páginas de anotações e de leituras no livro de minha autoria, com prefácio do consócio Paulo Elpídio de Menezes Neto, *Miscigenação nos trópicos: tristeza ou alegria?*

Nossa cultura é um mosaico de variadas combinações, razão por que, durante tanto tempo, se apresentou para o mundo como uma terra livre, aberta para o encontro com o outro. Esse debate, que parecia esquecido pelo tempo, retornou ainda mais forte no Ocidente e no Brasil.

Gilberto Freyre e sua tese da democracia racial, tão ferozmente combatida pela acusação de conservadora e acobertadora da violência colonial, volta para demarcar o debate da miscigenação como um fenômeno real e um ideal de cultura, de espírito. De acordo com Joaquim Falcão, citado por Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, Gilberto Freyre transformou a miscigenação de "hipoteca em lucro".

Somente aos poucos a história social começa a contar sobre a existência dos negros nestas plagas sendo metodicamente analisadas pelo consócio Pedro Alberto Oliveira e Silva em *História da escravidão no Ceará: das origens à extinção* e a miscigenação que, entre nós, foi mais forte com o índio.

Minha paixão por este tema da miscigenação levou-me a redescobrir *Iracema* e a obra de José de Alencar, mas também a pensar que podemos estar mais bem preparados para a globalização e a questão da alteridade. Se não é mais possível fugir ao debate do preconceito racial em nossa sociedade, uma conquista da democracia e dos movimentos sociais, e que assumamos nossa tarefa histórica de paradigma moderno para a convivência e a interpenetração cultural e étnica. Como assinala Darcy Ribeiro, "surgimos da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais díspares, tradições

culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo, num novo modelo de estruturação societária. Novo, inclusive, pela inverossímil alegria e espantosa vontade de felicidade, de um povo tão sacrificado, que alenta e comove a todos os brasileiros" (RIBEIRO, 1970).

Esta pequena aventura me fez ainda mais um entusiasta da pesquisa histórica, em suas diferentes matizes. A possibilidade de encontrar as conexões de sentidos, resultantes da ação social e perdidas pelo tempo, coloca-me diante de desafios com os quais deverei tratar a cada momento. Dessa forma, ser agraciado com o ingresso no Instituto transforma minhas inquietações intelectuais, antes descompromissadas, numa convenção que se renovará a cada novo livro ou texto.

Para minha felicidade, como Diretor Acadêmico do Colégio 7 de Setembro, durante o dia, e da FA7 – Faculdade 7 de Setembro, à noite, vivo em um ambiente cultural, cercado de professores, de mestres e doutores, os quais freqüentemente me sugerem novos títulos para ler.

Sempre que possível, participo de grupos de estudos para aprofundar-me nos assuntos com os quais me identifico.

Na análise da literatura portuguesa do século XIX, em particular Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, encontro nela a mesma robustez com que Machado de Assis descreve a formação da sociedade brasileira. Coube a tarefa de mostrar a imensa contribuição da literatura machadiana para a interpretação do Brasil a Raymundo Faoro e seu clássico *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*.

Finalmente, agradeço o constante apoio e incentivo que tenho recebido de minha família, desde a minha companheira de vida, Fanizinha, sem a qual não conseguiria o reconhecimento que tenho recebido nas minhas diversas atividades culturais, de meus irmãos Ednilton, Leninha, Ednilze, de meus sobrinhos aqui presentes – Edilson, Henrique e Alessandra. Registro também a presença de queridos tios e primos.

Um obrigado de coração aos amigos, aos companheiros do Rotary Club, aos confrades da Academia Fortalezense de Letras, da Academia Cearense de Retórica, da Associação Brasileira de Bi-

blíofilos, dos meus mestres e alunos do Colégio e da Faculdade 7 de Setembro, cujas presenças ornamentam e abrilhantam esta solenidade.

Seria hipócrita dizer que não sinto vaidade ao tornar-me membro desse sodalício, no entanto, não me move apenas esse sentimento. Tenho, em todas as instituições das quais participo, uma atividade efetiva.

Tenciono contribuir para divulgar o Instituto aos jovens cearenses, para que eles conheçam a história de nossa terra por meio do seu rico acervo, convivam com os seus ilustres sócios, das mais privilegiadas mentes de nosso estado. É preciso que as novas gerações se acostumem a ver o Instituto do Ceará como uma fonte para as suas pesquisas, adquiram livros, participem das importantes palestras, enfim, enriqueçam as suas vidas por intermédio do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará.

Encerro minhas palavras, deixando-os na companhia do maior pensador político do moderno Ocidente, Nicolau Maquiavel: “[...] os homens trilham quase sempre caminhos abertos por outros e pautam suas ações sobre essas imitações, embora não possam repetir tudo da vida dos imitados nem igualar sua *virtú*. Um homem prudente deve sempre seguir os caminhos abertos pelos grandes homens e espelhar-se nos que foram excelentes, deve pelo menos fazer como os arqueiros prudentes que, julgando muito distantes os alvos que pretendem alcançar e conhecendo bem o grau de exatidão de seu arco, orientam a mira para bem mais alto que o lugar destinado, não para atingir tal altura com a flecha, mas para poder, por meio de mira tão elevada, chegar ao objetivo”.

Que Deus nos abençoe.